

CORPO

sem COR

é PÓ

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v10i3.39819>

 **Alice Maria Corrêa Medina**

Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Brasília e pela Universidade de Barcelona, Espanha. É professora adjunta da Universidade de Brasília (UnB) na Faculdade de Educação Física (FEF). E-mail: licinhamedina@gmail.com

Temos várias diferenças

Em saberes e culturas

E a Língua Portuguesa

Orientando estruturas

Possibilitando a todos

A escrita na literatura.

Nesses registros o corpo

Por argumentos, refletido

É apresentado sem cor

E ao mesmo tempo, colorido

Sempre como possibilidade

Local de sonhos e vontades

Produtor de muitos sentidos.

Brota do respiro da vida

Encarnado se torna gente

De capacidades dotado

Já nasce classificado

Independentemente da mente

Ao longo do tempo produzido

De uma cultura constituído

Sem dar conta de si totalmente.



A classificação pela cor
Auxilia as políticas do corpo
É um discurso que justifica
A retórica do modelo imposto
Dentro das opções da cartela
Qual a sua cor dentro dela?
Mas não caibo nessa métrica
De enquadramento justaposto.

O corpo a perguntar
Por que tenho que caber
Na escala me classificar?
Se, de alguma forma, sou mistura
Não sou refém desse lugar
Desconstruir essa moldura
Pelo direito me orientar
Condições a todos os humanos
A vida como um criar
Unidos e misturados na terra
Coletivo a germinar
E na condição de espécie humana
Que como pó perecerá!

Corpos ausentes de cores
Ou de todas no mesmo lugar
Chega-se ao entendimento
Que era apenas a pele do corpo
A sociedade a classificar
No final, uma cor comum
Somente como o pó que restará!

Atenção e cuidado
Da sociedade ao classificar
Sobre as implicações das ações
Desafio é reparar
Pois muitas vezes quando separa
Não se pode mais juntar
Corpos que foram separados
Pelas cores classificados
É difícil aproximar.

O corpo que se apresentou
É potente como semente
Da alquimia que resultou
Como resultado de gente
Que se relacionou
Não apenas fisicamente
Pela história que criou
E como um ser experiente.

Somos de corpos diversos
Não há corpo que se possa negar
Legitimados no universo da vida
Hoje, nosso tempo e lugar
Com ausência e presença de cores
Não há mais nada a declarar
Reconhecendo todos os corpos
Coloridos, se quiserem pintar
Entretanto, antes de cada cor
É importante lembrar
Que o filho da vida
Que ao pó retornará
Ao final de todo o respiro
Da cor do pó é o que será!

Talvez uma ilusão
Seja classificar
Muito mais que organização
Vidas a separar
Não cabendo na tabela de cores
Corpos de muitos sabores
De cultura e paladar
Da Terra e da vida, produtores
Sendo o que são sem temores
É isso que deve bastar!

Recebido em 13-01-2023
Aceito para publicação em 28-03-2023